

JOSÉ MANUEL MOTA (*)

TERÃO AS SALAMANDRAS UM FUTURO?

Vou publicar isto no jornal — disse para consigo — pois ninguém lê as revistas científicas. Que todos saibam a que grande espectáculo da natureza iremos assistir. E vou dar-lhe um título: _____

TERÃO AS SALAMANDRAS UM FUTURO?

Mas a redacção dos *Lidové Noviny* leu o artigo do Professor Uher e abanou a cabeça. Outra vez as salamandras! Eu acho que os nossos leitores já estão fartos de salamandras. Já era tempo de aparecerem outras coisas. De resto, estas considerações científicas estão deslocadas num jornal. Por conseguinte, o artigo sobre a evolução e o futuro das salamandras não veio a público.

(Karel Capek, *A Guerra das Salamandras*)

Ao contrário dos redactores dos *Lidové Noviny* — o que significa, mais ou menos, «O Notícias do Povo» — eu não acho que os nossos leitores (ou os dos outros) já estejam fartos das salamandras. Havia quem se lembrasse da esgotadíssima edição, talvez de 1965, traduzida (do inglês?) pelo pintor Lima de Freitas e editada na colecção Argonauta, da editora Livros do Brasil, Lisboa (LBL). Uns meses antes a celebrada *R. U. R.*

(*) Assistente do Departamento de Anglo-Americanística da Faculdade de Letras de Coimbra.

fora publicada por Lima de Freitas na mesma colecção, numa muito interessante e igualmente esgotada antologia de ficção científica. E pela mesma altura saiu noutra colecção da LBL (a extinta colecção Miniatura) *A Fábrica de Absolut*.⁽¹⁾

O tema de *R.U.R.* (Rossum's Universal Robots), «comédia utópica em três actos e um prólogo» (1920), é o da revolta dos robots, que aniquilam a sociedade humana. Como o segredo da sua própria fabricação foi também destruído, a existência deixa de ter sentido para eles; nem mesmo o engenheiro Alquist, o último humano, consegue redescobrir a fórmula perdida. E a solução não pode deixar de ser a reinvenção do amor; ou seja, a humanização dos robots.

Em *A Fábrica de Absolut* (*Továrna na Absolutno*, 1922) o engenheiro Marek inventa um reactor atómico que transforma a matéria em energia pura, mas que em vez de cinzas radioactivas liberta como resíduo o Absolut, o Deus do panteísmo de Espinosa ou Leibniz. A proximidade do reactor (ou Carburador, como é designado) provoca fenómenos religiosos típicos (milagres, profecias, apostolado...). O aprendiz de feiticeiro, para se livrar do seu invento, só encontra uma saída: vendê-lo a um industrial judeu empreendedor, G. H. Bondy. Mas a ganância do capitalista é apresentada pelo autor como um novo ciclo de «feitiço contra o feiticeiro». Bondy invade o mercado mundial com os carburadores que, pelo preço da matéria (qualquer matéria) produzem energia inexaurível (basta multiplicar a massa pelo quadrado da velocidade da luz...). O pior é que os carburadores começam a fazer das suas: os capitalistas doam as fábricas aos operários, que por sua vez não têm nada que fazer, porque as fábricas agora trabalham por si — e sem parar, o que origina, para já, o caos económico: o Absolut, «inesgotável e pródigo como nos tempos da Criação», ao aplicar à indústria o milagre da multiplicação dos peixes revela que «não tem qual-

(1) A edição que suscita este artigo é: Karel Capek, *A Guerra das Salamandras*. Tradução da edição francesa: Mário de Sousa. Revisão literária: António Guimarães. Editorial Caminho, Lisboa, 1979. 254 pp., 100\$00. Não ficámos a lucrar muito com esta nova edição: se por um lado aspira a uma melhor apresentação do objecto literário (reprodução de gravuras; apresentação de muito do texto do Livro II em notas de rodapé, o que faz parte da encenação «científica» e do aspecto de colagem), elementos pura e simplesmente escamoteados na edição anterior, a confecção do exemplar deixa muito a desejar, com uma encadernação que se esfrangalha literalmente à primeira leitura e uma composição tipográfica nada menos que desastrosa. E porque se continua a traduzir *Válka s Mloky* por *A Guerra das Salamandras* e não *com as Salamandras*? Finalmente, um ponto positivo: o Apêndice: «Karel Capek: a propósito da génese deste romance».

quer noção de economia política». Por outro lado, como os fiéis de cada carburador se tornam fanáticos e intolerantes, proliferam as seitas, azedam-se as discussões teológicas (que culminam num impagável processo de Divinização do Absoluto, no Vaticano) e acaba-se numa formidável e burlesca guerra mundial religiosa (que se chama «A Maior das Guerras», para a distinguir da recém-acabada Grande Guerra *tout court*), no fim da qual a praga é extinta.

Alonguei-me um tanto aqui para que possamos ver melhor o paralelismo temático das três obras, e nomeadamente o facto de as *Salamandras* ⁽²⁾ poderem surgir como uma reescrita ampliada e muito elaborada do *Absoluto*. Há semelhança até nos métodos de expressão literária: um certo «fôlego épico» ⁽³⁾, o recurso ao estilo jornalístico, a função córica das pessoas simples (nas *Salamandras* representadas pelo senhor Povondra e família), com a sua visão checo-centrista da história. Certas linhas de enredo também correm paralelas. Dou um exemplo: Bondy foge ao Absoluto indo para uma ilha da Papuásia, e acaba em risco de ser comido pelos antropófagos, atacados de zelo religioso, porque também lá chegara, enfim, um carburador ⁽⁴⁾. O ambiente crepuscular desse capítulo tem o seu correspondente exacto no penúltimo capítulo das *Salamandras*, em que o senhor Povondra vê a primeira salamandra na Checoslováquia, o mais continental dos países, e compreende que está tudo acabado. E, obviamente: Bondy. Judeu checo, grande industrial, despolitador de catastróficas cadeias de sucessos ⁽⁵⁾, amigo de infância do capitão Van Toch, colega do engenheiro Marek.

A «problemática robótica» é o resultado de produto de duas concepções de máquina: a «esclavagista» ⁽⁶⁾ e a ciberné-

⁽¹⁾ *A Guerra das Salamandras* foi publicada em 1935.

⁽²⁾ Entenda-se: herói-cómico no *Absoluto*, épico-rapsódico nas *Salamandras* (nomeadamente no ensartar de capítulos ou histórias mais ou menos autónomas). Há também uma «rapsódia artesanal» que é a colecção de artigos de jornal do Senhor Povondra; porém, veja-se no fim o aspecto do livro como «dossier».

⁽³⁾ Ainda na recente viagem do Papa (nem utópica nem ucrónica: África, 1980) se confirmou que Deus se acultura com muito mais facilidade do que seria para desejar.

⁽⁴⁾ Bondy não é inteiramente culpado; tal como os inventores que financia, é ultrapassado pelos acontecimentos: ele repete, no mundo da economia, a história do aprendiz de feiticeiro que Marek (e, de certo modo, Van Toch) protagonizaram. Quanto a ser judeu, havia na Checoslováquia de então (como na Áustria de hoje) várias nacionalidades: checos, eslovacos, judeus, alemães (nos Sudetas), além de ucranianos e húngaros.

⁽⁵⁾ Em vez de esclavagista poderia talvez dizer meramente instrumental, sem conseguir mesmo assim fugir à ambiguidade das palavras.

tica. Isto é: Escravo \times Programação = Robot. Robot vem do checo «robot», que significa «trabalho forçado». Os robots de *R. U. R.*, o *Absoluto*, as salamandras, são escravos, trabalhadores forçados. A revolta da máquina é a revolta dos escravos. Mas a máquina só se revolta quando toma consciência de que é escrava; e só a toma quando lhe dão inteligência, quando a programam (⁷). É precisamente a programação, a ciberneticização (gr. *kybernetés*, lat. *gubernator*) que em caso de avaria ou erro (*errare humanum*) permite o *des*governo, comportamento anormal, ou anti-social, contra o homem mas nem por isso menos humano: a imprevisibilidade ou anomalia grave do comportamento é estigmatizada na sociedade como loucura, fenómeno humano. (Talvez por isso, logo no prólogo de *R. U. R.*, se fala de «um ataque de raiva. Uma espécie de epilepsia [...] chama-se a isso a convulsão dos Robots. [...] Ao que parece, trata-se de um defeito do organismo [...] Defeito de fabrico.»).

As salamandras, apesar de seres vivos émulos do homem na luta pela sobrevivência, são ainda, pois, uma metamorfose do robot. A sua programação (ensino) é feita pelo homem: são meros reprodutores, nada criaram de seu, nem mesmo uma língua; «esvaziaram [a civilização humana] do que ela tinha de humano e dela só adoptaram o lado puramente prático, técnico e utilitário» (⁸). São «a mediocridade civilizada em massa»; criaram «uma lamentável caricatura da civilização humana». (Não são muitas utopias e ucronias da ficção científica também caricaturas, modelos distorcidos da civilização humana?).

Temos portanto três obras de Karel Capek (1890-1938) conhecidas em Portugal. Em todas, as mais divulgadas também no resto do mundo, uma coincidência de preocupações traduzida numa temática recorrente, coincidência sem convergência, apontando para soluções (ou in-soluções) diversas. *R. U. R.*, o *Absoluto*, as *Salamandras* são três momentos dum percurso quase obsessivo através duma teia de motivos e mitos (Prome-

(⁷) É claro que programação e cibernética não são a mesma coisa; fiz aqui uma redução *ad hoc*.

(⁸) As citações deste parágrafo são do capítulo «O Aviso de X». «X», autor dum manifesto anti-salamandras orientado para o humanismo cristão («Em nome da cultura, em nome do cristianismo e da humanidade, devemos libertar das salamandras») é também o romancista: «Aquele X de certo modo era eu». Curiosamente, aflora-se no «Aviso» a problemática ecológica. Antes de serem descobertas, as salamandras, verdadeiros celacantos da ficção, viviam em equilíbrio ecológico na sua baía pouco acessível: comiam ostras e eram comidas pelos tubarões. Foi o homem que destruiu a harmonia reinante.

teu-Frankenstein; Fausto; o Aprendiz de Feiticeiro...), fios de história ucrónica mas não utópica⁽⁹⁾, tudo contado com muito humor (um humor bem checo, como o do autor do Svejek, embora de outro tipo, como se vê pelas amostras ao longo deste texto, e a começar pela epígrafe) e temperado, primariamente, com a moral edénica: não comer (pelo menos de mais) do fruto da Árvore da Ciência⁽¹⁰⁾.

Mas vejamos aonde pode chegar esta alegoria⁽¹¹⁾. Tudo parecer começar no «Apêndice» ao Livro I: «A vida sexual das Salamandras». Feita a investigação, descobre-se que a reprodução das salamandras é resultado, não da fecundação pelo esperma, mas do contacto dos ovos com o meio ácido, criado colectivamente pelos machos no cio. Numa bela metáfora, diz-se que «a sociedade das abelhas pode caber em dois termos: 'Eu, a Colmeia Maternal'. A sociedade das colónias de salamandras resume-se bem diferentemente: 'Nós, o Príncipe Macho'». Pouco adiante indicam-se como caracteres sexuais secundários masculinos «a aptidão técnica e o sentido de organização». Andrias Scheuchzeri, a salamandra fóssil viva relançada na corrida da evolução, «é um animal *faber* e talvez não venha

(9) Permito-me aqui uma distinção, talvez especiosa para os teóricos dos géneros e subgéneros literários, mas que me faz um certo jeito. Utópico é o que não tem lugar: a Ilha de Utopia, Brobdingnagg, a Ilha Misteriosa de Júlio Verne, etc. Ucrónico é o que não tem tempo: a «literatura de antecipação», mas não só. O que pretenderia com esta especiosidade era deixar claro que, afora as salamandras, tudo nas *Salamandras* tem existência neste nosso mundo empírico: a ilha de Tana Masah (a oeste de Samatra), o fóssil miocénico e a hipótese protohominídea de Johannes Scheuchzer, a situação política da época (1935). Os lugares são tão reais como o foi a Lisboa de Eça, com «a casa que os Maias vieram habitar [...] no Outono de 1875». Contudo, peço licença para não perceber, de modo nenhum, o total silêncio à volta de um factor geopolítico que já contava seriamente nessa altura: a U.R.S.S.

(10) O inventor dos Robots chama-se Rossum, que se assemelha ao checo «rozum», com o significado de «entendimento, razão humana». Daí a tradução francesa Rezon, importada directamente para o português.

(11) Não é raro nem difícil encontrar na ficção científica intenções alegóricas, ou parábolas de moral implícita; e não me refiro a Huxley, Orwell (ou Capek), mas aos «clássicos», aos profissionais, de Verne a Cummings, a Heinlein, Campbell, Van Vogt ou outros. Ai, porém, quando há problemas desses, eles são as mais das vezes (mas nem sempre) expostos esquematicamente e despachados na forma maniqueísta do romance de aventuras: os «nossos», os bons, ganham, e os outros ou são destruídos ou retiram para nunca mais voltar. «Eles não são como nós» é a palavra de ordem que solta os ódios aos extra-terrestres (ou outros) corporizando os terrores do momento: o «perigo amarelo» dos anos 20, os «Russos», os suspeitos do senador McCarthy (para este último caso leia-se, de Robert Heinlein, *The Puppet Masters*, 1952, tradução portuguesa *Os Manipuladores*, na colecção Argonauta). Claro que as *Salamandras* também entrariam neste esquema; o que são é muito mais significativas.

longe o dia em que ultrapassará o próprio homem no domínio técnico simplesmente pela força deste facto natural que é a criação duma comunidade puramente masculina».

Nós, o Príncipe Macho! A vida sexual é uma «Grande Ilusão»; não há amor, há machismo, um machismo nascido da própria impotência, porque o macho «activo» é desnecessário à procriação, precisando de se afirmar enquanto tal através de ritos (a Dança das Salamandras). As fêmeas não contam senão como reprodutoras nesta sociedade *faber* e macha, em crescimento contínuo e portanto necessitando de espaço vital. Só lhes falta uma filosofia; terá de ser um homem a dar-lha, claro. O «Grande Pessimista», o «solitário filósofo de Königsberg» Wolf Meynert escreve o seu monumental «Untergang der Menschheit» (O Ocaso da Humanidade) (12). O género humano enquanto tal é incapaz de felicidade: haverá sempre conflitos insanáveis entre classes, nações, raças. Ora as salamandras «não criaram raças, línguas, nações, estados, crenças ou castas verdadeiramente diferenciadas». As salamandras são pois *ein Volk, ein Reich*, a que nem vai faltar *ein Führer*. Elas são a utopia nacional-socialista realizada, na barbárie militarista como na misoginia.

Suspendamos a aplicação da alegoria histórico-política e voltemo-nos ainda uma vez para a problemática da ficção científica. As salamandras são, como já vimos, uma modalidade de robot. Com essas limitações, são de facto um Povo (uma raça, ou melhor, uma espécie), por condição biológica. Mas a partir daí o esquema não funciona (13). O conceito de Estado é-lhes estranho; e também não é entre elas que encontrarão um chefe. No último capítulo («O autor discute consigo mesmo») dão-se as pedras para fechar o jogo de paciência: «O Chief Salamander é um homem. O seu verdadeiro nome é Andreas Schulze

(12) «Grande Pessimista» como Schopenhauer, «solitário filósofo de Königsberg» como Kant, e autor do *Untergang der Menschheit* (o sossobrar da humanidade, que traduzi por «ocaso» por razões crepusculares), o que o aproxima de Nietzsche, W. Meynert é algo que Capek, como jornalista, humorista e checo, devia detestar: filósofo e alemão. No último capítulo diz o autor: «Wolf Meynert é um intelectual. Já encontrei alguma coisa de muito terrível, de criminoso, de insensato, em que os intelectuais não pensassem e de que não quisessem servir-se para renovar o mundo?» Por alguma razão ao capítulo «Wolf Meynert escreve a sua obra» se havia de seguir «O Aviso de X».

(13) Uma das conclusões a tirar daqui é que as salamandras são elas mesmas vítimas do processo: tratadas como atracção de feira; objecto de estudo de cientistas ávidos e cruéis (chegando à conclusão que Andrias daria um bom soldado, e de que a sua carne, adequadamente preparada, seria um bom *ersatz* da vaca, em tempo de guerra); instrumento, enfim, da política de armamento das diferentes potências.

e era cabo na última guerra». Como Hitler... Os males causados pelas salamandras enquanto avatares do robot são produto do pecado original, da *hybris* prometeica. Mas as salamandras enquanto símbolo do nazismo (ameaçando a própria Checoslováquia) são também uma fabricação humana; robots de segunda geração, revoltando-se às ordens dum homem, elas realizam uma grotesca inversão do mito de Frankenstein.

Povondra pai é a Checoslováquia de Masaryk; sempre acreditou que o seu país ficaria de fora, intocado, mero espectador. Ele próprio mais não era que um simples colecionador de recortes de jornais sobre as salamandras, às quais ficara ligado desde que fora mordomo de Bondy; um observador externo, passivo, «imparcial», como o próprio ideal jornalístico. A velhice de Povondra é também a de Masaryk (Povondra «já passou há muito os setenta anos...» T. Masaryk tinha oitenta e cinco nessa altura). Retiram-se de cena os velhos, enquanto Frantik Povondra, o filho, sentencia: «Os homens é que fizeram isto tudo. Foram os Estados, foi o capital... [...] A culpa é de todos».

A Fábrica de Absoluto é um livro possível em 1922⁽¹⁴⁾; *A Guerra das Salamandras* é o «Aviso de X» perante a segunda guerra. Por isso o livro acaba onde poderia começar; o assunto prometido no título é aviado num capítulo de hipóteses que «o autor discute consigo mesmo». A guerra mal começou: o livro tem afinal a forma dum extenso relatório, cujas conclusões são ainda esse enigmático, ou pelo menos indeciso último capítulo, que acaba, ele também, como poderia começar: «É tudo o que sei». Ou, mais testamentariamente, na tradução de Lima de Freitas: «Depois, não sei o que virá».

São estas as incongruências, as in-soluções dum mundo cada vez mais salamandrino: a única esperança do autor é a de que «seria muito estranho que os homens não lhes tivessem ensinado como se faz a história»: é, portanto, a de invalidar a tese de W. Meynert. Que se dividam e se aniquilem umas às outras: um anti-R. U. R., a bem do bom senso. Ou a bem dos homens, simplesmente?

Claro que as salamandras, fósseis vivos à procura do tempo perdido, apoiadas logisticamente por teóricos crepus-

(14) Embora não tenha dados em que me apoie, talvez *A Fábrica de Absoluto* reflita de certo modo conflitos religiosos na recém-formada Checoslováquia — além de ser uma reflexão sobre a Grande Guerra, o que me parece óbvio.

culares da humanidade que tentamos viver, também as temos hoje cá. Por isso incorri no «síndrome de Uher» ao tentar publicar isto. As salamandras estão aí; e a culpa, como disse o Frantik, continua a ser de todos.